

Florianópolis (SC)
janeiro/fevereiro de 2010
Ano 4
Nº 21
R\$ 4,00

Pobres & Nojentas

Na caribenha
Cuba,
meio século
de socialismo



No Monumento
em Santa Clara,
homenagem ao herói
revolucionário

"Nojenta" é a pessoa que questiona velhos valores, cria o novo e persegue vida boa e bonita para todos



04 Laços solidários por uma Cuba em Luta

- 07 Vizinho do Norte insiste em embargo criminoso
- 10 Inventividade a serviço da Revolução
- 14 Cuba, que linda és Cuba, quien le conoce la quiere más
- 16 Mulher, socialista, cubana
- 20 Eles voltarão!
- 22 Memórias da Revolução
- 25 Um país do presente
- 26 Varais cubanos

Seções

- 03 Editorial
Pobres & Nojentas na maioria
- 12 Crônica
Compartilhando vida em Cuba
- 19 Crônica
Uma juventude revolucionária
- 27 Poesia
Muito o que fazer

Para assinar *Pobres & Nojentas*

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



5 edições ao ano
(bimestral): R\$ 25,00
(inclui as despesas
com o Correio)



Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Colaboraram nesta edição:

- Camila Bion de Assis
- Elaine Tavares
- Marcela Cornelli
- Miriam Santini de Abreu
- Rosangela Bion de Assis
- Sandra Werle

Edição

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:
eteia@gmx.net

Projeto gráfico, Editoração
e Tratamento de imagens
Rosangela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)
Sandra Werle
(MTB/SC 00515-SC)

Revisão

Mônica Fünfgelt

Artes da *Pobrecita*

- Silva
- Eduardo Schmitz

Apoio Cultural

• Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)



Florianópolis/Santa Catarina

Pobres & Nojentas na maioria

Com esta edição, a revista *Pobres & Nojentas* chega à maioria. A equipe que a produz se reuniu 21 vezes para escrever, fotografar, editar, diagramar, revisar. É um projeto coletivo que, a cada dois meses, renova o nosso desejo de um jornalismo diferente do que aí está. Um jornalismo interpretativo e, queremos, belo, que aponte, de forma crítica, a chegada de um mundo justo.

A primeira *P&N* de 2010 é dedicada a Cuba, país onde estiveram, entre janeiro e fevereiro, as jornalistas Marcela Cornelli e Míriam Santini de Abreu. Elas participaram da XVII Brigada Sul-Americana de Trabalho Voluntário e Solidariedade com Cuba, iniciativa do Instituto Cubano de Amizade com os Povos (Icap) e das Associações Culturais José Martí ou similares em cada país.

Apesar da intensa programação, que incluiu trabalho voluntário, con-

ferências e visitas, as jornalistas fizeram diversas entrevistas para dividir a experiência com os leitores da revista. Os textos das próximas páginas expressam um olhar, uma interpretação, entre as tantas possíveis sobre o único país socialista das Américas.

Muito se tem escrito sobre as mudanças que o mercado e a tecnologia estão impondo ao jornalismo. Basta ver, ouvir, ler o que todos os dias os meios de comunicação divulgam. A maior

parte é propaganda do modo de vida que está esgotando o planeta e minando a riqueza das relações humanas. Há poucas reportagens dirigidas a um grande público que sejam capazes de efetivamente ajudar as pessoas a compreender e a mudar o mundo.

É um quadro um tanto sombrio. Mas há um poema do grande herói cubano José Martí, Versos Sencillos, que diz: "Verso, o nos condenan juntos, o nos salvamos los dos!". Pode-se dizer o mesmo da nossa profissão e do que ela significa para nós: "Jornalismo, ou nos condenan juntos, ou nos salvamos los dos". Nós, da *Pobres*, acreditamos no potencial revolucionário do jornalismo, como acreditava o grande professor Adelman Genro Filho. E essa crença é que nos move há 21 edições.

Foto: Valmir Bras de Sousa



Míriam e Marcela: duas semanas nas Brigadas

Pobres & Nojentas tem Boletim Eletrônico

Cadastre seu e-mail em revistapobresenojentas@gmail.com para receber o resumo das notícias, reportagens, crônicas e artigos, além da agenda do movimento sindical e popular.

P&N no Orkut

Comunidade Pobres & Nojentas

No You Tube:

<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>

P&N no Twitter

www.twitter.com/pobresenojentas

Blog da revista teórica (comunicação e jornalismo)

<http://revistapobresenojentas.wordpress.com>

Blog da revista: <http://pobresenojentas.blogspot.com>

Laços solidários por uma Cuba

Por Miriam Santini de Abreu, de Cuba
Fotos de Marcela Cornelli

São 5h45, manhã um pouco fria no Caribe. No alto-falante do Acampamento Internacionalista Julio Antonio Mella, no município de Caimito, um CD começa a tocar. Primeiro, o canto vigoroso de um galo; depois, Guantanamera, uma das mais conhecidas músicas cubanas, seguida por outras canções. É o toque

para que os brigadistas – dos quais 100 do Brasil - pulem das camas para iniciar a programação do dia. O acampamento, a 40 minutos de Havana, a capital cubana, foi o lar principal, por duas semanas (de 24 de janeiro a 7 de fevereiro), de um grupo de pessoas vindas de quatro países, todos participantes da XVII Brigada

Sul-Americana de Trabalho Voluntário e Solidariedade com Cuba.

A Sul-Americana é uma das 12 Brigadas organizadas pelo Instituto Cubano de Amizade com os Povos (Icap) e pelas Associações Culturais José Martí ou similares em cada país. Trata-se de um programa sociopolítico e cultural que pode variar de



em luta

15 a 21 dias Há, por exemplo, Brigadas que reúnem visitantes da Nova Zelândia e Austrália, dos Estados Unidos, da Europa. No total, cerca de 95 mil pessoas já passaram pelo acampamento dentro da proposta de conhecer Cuba e fortalecer os laços de solidariedade com o país.

De 15 anos para cá, o público que mais cresce é o de jovens. Na XVII Brigada, 52% dos participantes do Brasil tinha menos de 25 anos. O diretor do acampamento, Juan Carlos Barrios, diz que um dos principais resultados das Brigadas é a criação de associações de solidariedade a Cuba, como a José Martí, em Santa Catarina, e a adesão dos brigadistas às associações já criadas. Dados do final do 2009 indicam que existem 2.017 associações em 146 países.

O tema e a programação das Brigadas mudam, porém há um elemento em comum, o trabalho voluntário. Mas ele nada tem a ver com o trabalho voluntário comum em países como o Brasil, onde muitas vezes as pessoas ajudam os outros para aliviar a consciência ou, em muitos casos, assumir o papel do Estado. Isso criou a moda da tal responsabilidade social, mais um fator de lucro para as empresas, que lustram a imagem de "boazinhas" ao "ajudar" um determinado grupo social.

Em Cuba, o trabalho voluntário surgiu com a vitória da Revolução, em 1959. Era preciso alimentar o povo, estimular a agricultura e a indústria, dar um salto nos números da educação e da saúde. Foi Ernesto Guevara, o Che, quem plantou a ideia. Segundo ele, o trabalho voluntário é um esforço realizado pela sociedade e para a sociedade como aporte individual e coletivo que vai formando a consciência dos que constroem o mundo socialista.



Piragua, local de encontro do acampamento



Veja vídeos sobre Cuba em
<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>

“O objetivo”, explica Barrios, “é entregar de si para o bem comum, com base em uma responsabilidade coletiva”.

Então, o trabalho solidário é para o bem da população em geral, para o bem do país. Na XVII Brigada, ao longo de quatro manhãs e uma tarde, os participantes trabalharam nos campos que abastecem o acampamento e em unidades agrícolas de Caimito. Recolher pedras, limpar canteiros, encher sacos com terra, semear, foram as atividades feitas pelos diferentes grupos.

Atenção, brigadistas!

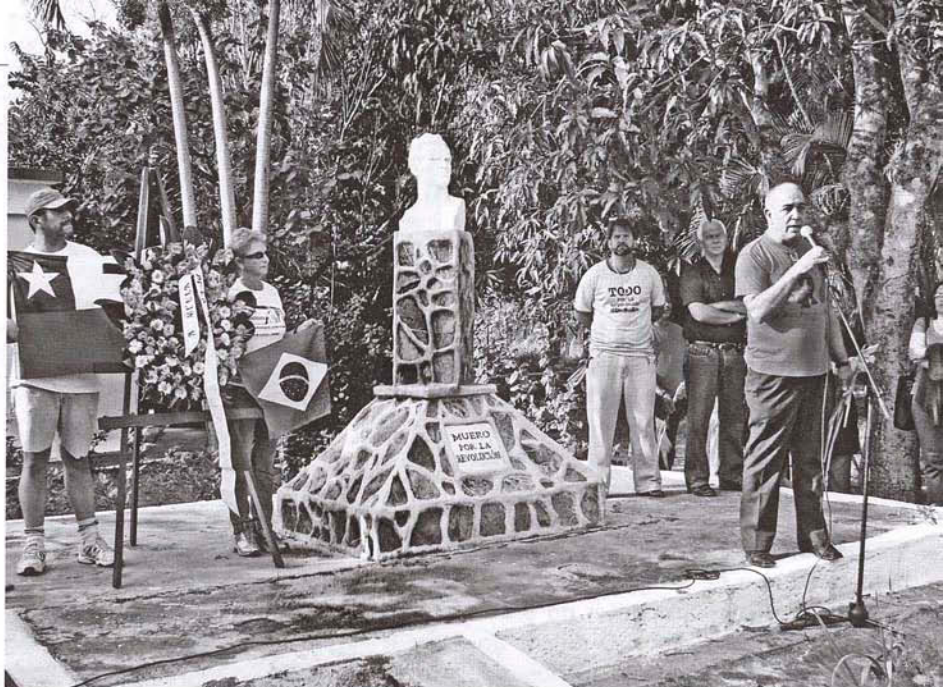
Arrisco dizer que Juan Carlos Barrios é a alma do acampamento Julio Antonio Mella. Homem que parece incansável – vai dormir por volta da meia-noite e antes das seis está de pé. Diariamente era ele quem chamava os brigadistas para as atividades:

- Atenção, brigadistas, a conferência tal começa... Já!!!

Toda manhã ele também percorria os quartos coletivos para provocar os dorminhocos, falando um espanhol cubano tão rápido que às vezes era incompreensível:

- Vamos, tu estás em Cuba, levanta, o trabalho vai começar! Vamos, vamos!

Era Juan Carlos quem dividia os grupos para o trabalho voluntário. Antes de começar, ele colocava em prática três rituais. Primeiro, fazer a chamada e pedir palmas para a delegação que estava



Juan Carlos Barrios (ao microfone): Atenção, brigadistas!

completa; depois, mostrar os objetos perdidos, e, de brincadeira, estipular o valor em pesos para devolver cada um; por fim, citar um fato importante que, naquele dia, havia acontecido em Cuba ou no mundo. Sabia quem estava com algum mal-estar diagnosticado na enfermaria do acampamento e conferia se a pessoa estava seguindo o tratamento indicado. Há 15 anos no Icap, depois de fazer parte da direção do Partido Comunista de Cuba, ele se diz encantado com o trabalho que faz, o qual exige muita resistência: “E quem me dá isso são vocês”.

Cada brigada é atendida por 55 a 75 funcionários do Icap, dependendo do nú-

mero de participantes. No acampamento são servidas três refeições diárias, e há auditório para as apresentações e conferências que fazem parte da programação. Os caminhos gramados, os coloridos murais comemorativos, os cuidados da delegação cubana, o ir e vir dos brigadistas, tudo vai fundindo um sentimento familiar. No meio do acampamento há a Piragua, o lugar onde são servidas pizzas, cerveja – a deliciosa Bucanero – e os coquetéis Mojitos e Daiquiri, feitos com rum, a mais famosa bebida cubana. Lugar de estudo e de trabalho, onde se conhece a luta do povo cubano, que a P&N vai contar nas próximas páginas.

Revista Virtual

Desacato

América Latina – Soberania e Paz

www.desacato.info
desacato.brasil@gmail.com



Vizinho do Norte insiste em embargo criminoso

Por Míriam Santini de Abreu, de Cuba
Fotos de Marcela Cornelli

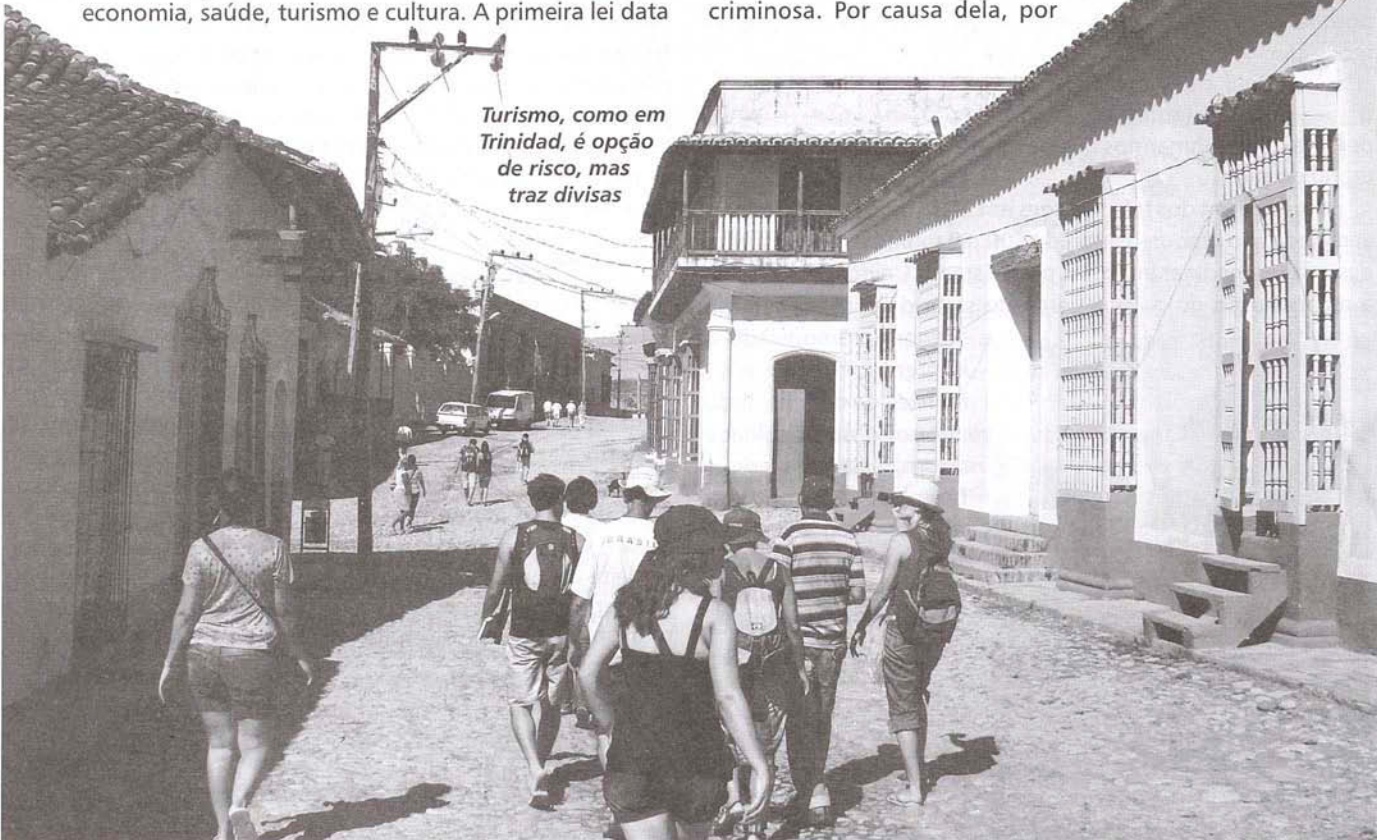
Os três ônibus de brigadistas percorrem a rodovia que atravessa a província cubana de Pinar del Rio, porção oriental do país. Ali há diversas casas cobertas por telhas vermelhas com aparência de novas. Foi uma doação do governo venezuelano depois que três furacões arrasaram a ilha em 2008. Aquele foi um ano sombrio para o país caribenho. O violento fenômeno natural provocou apenas sete mortes – isso porque Cuba tem um dos melhores sistemas de alerta do mundo – mas piorou o cotidiano de toda uma população que enfrenta há cinco décadas o chamado bloqueio econômico, comercial e financeiro imposto pelos Estados Unidos.

Quando fala sobre o assunto, a mídia chama o bloqueio de embargo e não explica o que é. O bloqueio se dá através de uma série de leis e disposições administrativas do governo estadunidense que afetam Cuba em áreas tão diversas como economia, saúde, turismo e cultura. A primeira lei data

de 1917 e restringiu o comércio com nações consideradas hostis. Depois, em 1961, a Lei de Assistência Exterior autorizou o presidente dos Estados Unidos a manter um embargo total sobre o comércio entre aquele país e Cuba.

Em 1992, George Bush pai firmou a Lei para a Democracia Cubana, mais conhecida como Lei Torricelli. Ela proibiu que companhias subsidiárias dos Estados Unidos em outros países façam comércio com Cuba. Além disso, o navio de um país que atracou em portos cubanos é proibido, por 180 dias, de entrar em um porto estadunidense! Outra lei, aprovada pelo ex-presidente Bill Clinton em 1996 e conhecida como Lei Helms-Burton, ampliou o bloqueio e limitou a possibilidade de qualquer outro presidente derrubar essas práticas.

A Lei Torricelli é especialmente criminosa. Por causa dela, por



Turismo, como em Trinidad, é opção de risco, mas traz divisas

exemplo, os cubanos não podem ter acesso pleno a novas tecnologias, medicamentos e diagnósticos. Isso porque nenhum país ou empresa pode fornecê-los se qualquer componente ou programa (de computador) tiver sido fabricado nos Estados Unidos. Cálculos por baixo estimam que, até 2008, o dano econômico provocado pelo bloqueio no país atinja 236 bilhões de dólares pelo valor atual desta moeda. O governo de Barack Obama, apesar das promessas, avançou pouco em relação aos anteriores. Ele apenas permitiu, com restrições, que cubanos residentes nos Estados Unidos visitem familiares em Cuba e enviem dinheiro a eles.

Com o bloqueio, Cuba gasta mais para manter as trocas comerciais, especialmente em taxas e fretes. Seu risco-país – que mede o grau de risco de se investir ali – é alto. E a maioria das agências que mede isso é estadunidense. A ilha ainda perde dinheiro por ter que vender seus produtos em mercados menos vantajosos, porque não pode negociar com os Estados Unidos, a apenas 160 quilômetros de distância ao Norte. Há casos bem documentados que mostram o impacto do bloqueio:

- em agosto de 2008, uma companhia europeia que fornecia compressores de ar para uma empresa cubana suspendeu o negócio. Motivo: a matriz havia sido comprada por uma companhia dos Estados Unidos e foi proibida de continuar a vender para Cuba. O produto ficou de 20 a 30% mais caro porque foi preciso usar intermediários para conseguir peças de reposição;

- a velocidade de internet na ilha, via satélite, é baixa porque o governo dos Estados Unidos proíbe que Cuba utilize os cabos de fibra ótica submarinos que passam a poucos quilômetros do litoral do país.

A passagem dos três furacões em 2008 mostrou outras perseguidades do bloqueio. Mais de 600 mil moradias foram afetadas, mas as medidas impostas pelos Estados Unidos dificultaram a reconstrução do país. A perda do setor de construção civil,

segundo comunicado à imprensa, chegou a 47 milhões de dólares. Tudo por causa da dificuldade de importar materiais, ferramentas e equipamentos em geral. Outro setor duramente atingido foi a indústria de açúcar. A perda estimada foi de 127 milhões de dólares.



Bloqueio, crise, furacões

Não vi manifestações anti-Estados Unidos nas cidades cubanas que visitei, e sim outdoors, cartazes e pichações denunciando o bloqueio criminoso. Em Havana, questionamos uma cubana sobre a estampa da bandeira estadunidense na bandana que segurava seus cabelos. Ela, assim como outros cubanos, respondeu que o problema não é o povo dos EUA, e sim a política do seu governo.

Na palestra que fez no Acampamento Julio Antonio Mella, a economista Gladys Hernández, do Centro de Investigações da Economia Mundial, explicou que, na atualidade, a situação da economia na ilha piorou porque, além do bloqueio e dos furacões, irrompeu a crise financeira mundial. Depois de três anos de crescimento, em 2008 o país viu cair em exportação de açúcar e de níquel, fundamentais para a economia cubana.

Fora isso, o impacto dos furacões foi dramático, principalmente no campo, o que levou o governo a importar ainda mais comida. Uma das medidas para minimizar os danos, disse Gladys, foi estimular os produtores, principalmente os de leite, e adotar políticas que incluem a distribuição de terras ociosas. O objetivo é que o campo atraia a população porque hoje, seguindo tendência mundial, 80% da população do país caribenho vive nas cidades. Preparar e semear a terra para o plantio de alimentos é prioridade. Quem recebe a terra tem crédito para insumos e pode formar cooperativas, mas tem o compromisso de produzir; caso contrário, a terra vai para outra pessoa. Gladys disse também que, de modo geral, é preciso aumentar a produtividade e resolver problemas como o déficit de mão-de-obra em várias atividades. “Está se fazendo estudos para verificar se há trabalhadores que podem ir para outros setores”, informou.

O país, depois da vitória da Revolução e da implantação do sistema socialista, criou o que a economista chama de “colchão social”. A população tem acesso universal à educação e saúde em todos os graus, e seguridade social garantida. A taxa de desemprego é baixa, de 1,6%. Há um suprimento mensal gratuito de alimentos – como uma cesta básica – para as famílias. Quando eles acabam, os cubanos se abastecem em mercados do Estado. Com o bloqueio, a crise mundial e os furacões, a crise alimentar afetou com força a vida dos cubanos. Agora a meta é se auto-sustentar, evitando, por exemplo, ter que importar leite de países tão distantes quanto a Nova Zelândia. Para manter o “colchão social” em meio à crise, uma das apostas é o turismo, que garante rápido ingresso de divisas, mas também traz problemas.

Veja vídeos sobre Cuba em <http://br.youtube.com/PobresyNojentas>



A população tem acesso universal à educação e saúde em todos os graus; nas fotos, Museu da Revolução, em Havana



Aposta de risco

Patrimônio da Humanidade, Trinidad, localizada mais ao centro da ilha, é uma relíquia do período colonial. Os palácios, as casas de janelas altas e as ruas estreitas levam aos séculos 18 e 19, e contam a história do auge do período açucareiro. Visitantes disparam máquinas fotográficas e filmadoras sem parar. Ali é possível perceber um dos impactos que o turismo pode causar.

É que, além do próprio salário, quem trabalha nesta área acaba tendo ingressos adicionais de dinheiro, através de gorjetas. Isso faz com que, por exemplo, um porteiro de hotel ou um guia turístico possam ganhar mais do que um professor ou um médico. É que as gorjetas muitas vezes são pagas em CUC, o peso conversível cubano, usado pelos turistas depois que trocam seus dólares ou euros. O caso é que um CUC, com valor quase igual ao de um dólar, é equivalente a 24 pesos cubanos, moeda com a qual o Estado paga os trabalhadores. O custo de mercadorias e serviços em geral em peso cubano é baixo. Por isso, quem troca seus CUCs por pesos cubanos incrementa a renda. A criação do CUC foi uma medida de emergência. No atual momento, avalia a economista Gladys Hernández, não é possível encerrar esse sistema dual de moedas.

Outro problema que preocupa o governo é a possibilidade de aumento da prostituição e do número de pedintes, além da circulação de drogas. Em Cuba as casas de jogos são proibidas, e há rigoroso controle para evitar o turismo sexual. Os materiais publicitários não podem usar imagens que, de alguma forma, exponham o corpo da mulher. "Mas apesar disso não desconhecemos que se trata de uma aposta de alto risco", diz o funcionário do Instituto Cubano de Amizade com os Povos (Icap) Armando Rosendo Guerra Funcasta. No momento, porém, é a possível.

Há muito "pitaco" sobre Cuba e sua opção pelo socialismo – caso único nas Américas. O fato é que os cubanos mostram que não há modelo pronto ou cartilha que diga o que fazer ou quais decisões tomar para manter o processo revolucionário e o regime socialista. Tudo depende do processo histórico de cada país e de seu lugar no mundo. A ilha caribenha, apesar de tantos problemas, tem índices invejáveis de educação e saúde. O processo é muito bem resumido pela pesquisadora mexicana Beatriz Stolowicz no livro "Presencia e significado de la Revolución Cubana": a Revolução superou situações dramáticas porque foi fiel ao princípio estratégico de que os objetivos sociais têm que ser o coração e a essência de toda política econômica, e não um complemento dela. No capitalismo, como que se sabe, a fidelidade é ao princípio do lucro.

Inventividade a serviço da Revolução

Por **Miriam Santini de Abreu, de Cuba**
Fotos de **Marcela Cornelli**

Há tempos me contaram que, nas fábricas de tabaco de Cuba, há uma tradição iniciada em 1865. Para animar os trabalhadores numa atividade que é completamente manual, uma pessoa tem a função de ler notícias da mídia e literatura clássica. Visitei uma dessas fábricas na província de Villa Clara, mas foi tanto para ver e perguntar que me esqueci deste detalhe tão precioso. Nessa chamada Unidade Empresarial de Base (UEB), no município de Manicaragua, se faz tabaco torcido para exportação. É um

produto que atravessa a história de Cuba e lhe rende fama mundial.

Os conquistadores espanhóis aprenderam com os índios a semear a planta, que era desconhecida na Europa. A partir daí se desenvolveu um grande comércio com outros países. Atualmente a província que fornece mais matéria-prima é Pinar del Rio, onde está o melhor tabaco negro do mundo. Nas margens das estradas da província é comum ver, ao lado das moradias dos plantadores, as tendas pontudas onde se seca a folha. A transformação da planta no famoso charuto é feita em fábricas como a de Manicaragua, onde há 121 trabalhadores, dos quais 70% são mulheres.

Na condição de país socialista, uma particularidade de Cuba é que as pessoas são ao mesmo tempo empregadas e donas dos meios de produção. Cabe aos sindicatos, então, o duplo papel de

proteger os direitos dos trabalhadores e melhorar suas condições de vida e de trabalho, assim como do conjunto do país. Atualmente a Confederação de Trabalhadores de Cuba (CTC) integra 18 sindicatos de diferentes setores da economia, somando cerca de 3,4 milhões de pessoas, representando 95% do quem está no mercado. A filiação é voluntária.

Segundo Carmen Godínez, do Departamento de Relações Internacionais da CTC, os sindicatos são auto-financiados a partir da cota sindical, que representa 1% do salário do trabalhador. A dedução não é automática. Cabe ao filiado separar o dinheiro e fazer o pagamento no setor de finanças de seu local de trabalho. Não há, como acontece uma vez por ano no Brasil, contribuição sindical obrigatória, o chamado imposto sindical. Os dirigentes, com exceção de



cargos de direção da CTC em nível nacional, provincial e municipal, não são liberados para a atividade sindical. Eles continuam a desempenhar a função no local de trabalho e também participam das reuniões da administração das empresas e do governo cubano. A lógica é que tudo se faz pela continuidade da Revolução e do desenvolvimento da sociedade socialista.

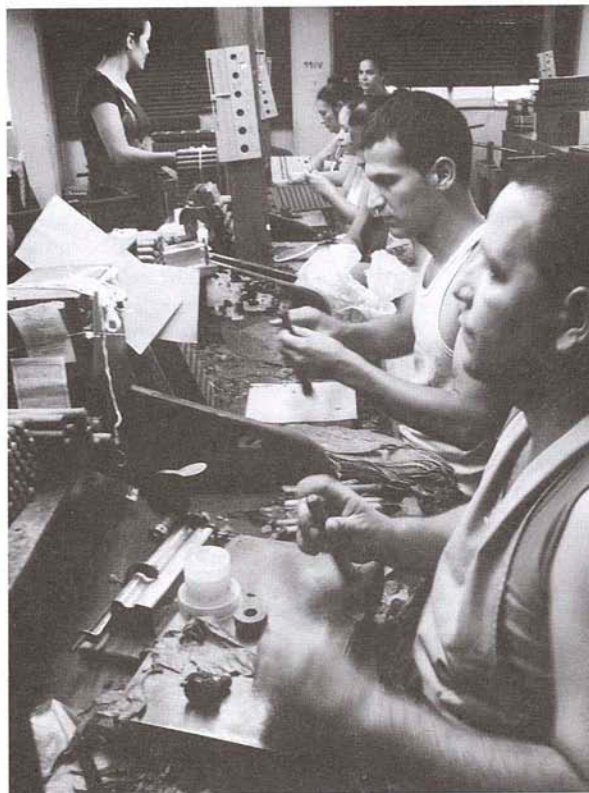
Hoje o salário mínimo em Cuba é de 250 pesos cubanos mensais, cerca de 25 dólares. A média salarial é de 414 pesos cubanos. O maior empregador é o Estado. Mas está havendo permissão, em função do turismo, para que particulares abram negócios como restaurantes familiares, por exemplo, mediante pagamento de imposto. Existem também cooperativas de trabalhadores e pequenas empresas associadas a outras do setor público.

O objetivo é que cada um ganhe segundo o aporte econômico de sua função para o país. Isso é expresso pela resposta que Carmen deu a um brigadista que a questionou sobre o seguinte fato: se o Estado estimular financeiramente um agricultor, ele ganhará mais, e isso não colocará em risco a lógica do socialismo, de igualdade para todos?

Resposta de Carmen: "Veja só: eu sou uma burocrata, fico parte do meu tempo de trabalho atrás de uma mesa. Mas um agricultor acorda todo dia às 5, 6 da manhã, e passa o dia na terra para produzir alimentos para a população. Quem de nós dois você acha que têm o trabalho mais importante para o país?"

Para a mesma pergunta, a economista Gladys Hernández, do Centro de Investigações da Economia Mundial, disse que, quando se fala em estímulo aos agricultores, isso está longe de ser algo parecido com o que acontece no Brasil, por exemplo: "Não estamos falando aqui de latifundiários ricos donos de grandes extensões de terra".

O aumento de produtividade é uma meta nacional, e para isso se busca estimular os trabalhadores. Segundo Carmen, o trabalho pensado na ótica do socialismo busca a consciência das pessoas, porque o resultado dele não é apenas individual, mas também coletivo. Há uma associação nacional voltada para a inovação e racionalização, que fomenta pensares e práticas que melhorem rotinas de produção. Um exemplo de como isso acontece está nas ruas das cidades cubanas, onde transitam veículos de décadas passadas com todo tipo de "gambiarras". "Esses carros só funcionam ainda por causa da inventividades dos cubanos", comenta Carmen.



Nas fotos, fábrica de tabaco em Santa Clara



Compartilhando vida em Cuba

Para Nine e Tomás

Texto e fotos por Marcela Cornelli,
de Cuba

“Compartir”. Foi uma das palavras que mais escutei quando trabalhei em Cuba na brigada de voluntários para trabalhos agrícolas em janeiro deste ano. O dia mal amanhecia em Caimito, a 40 minutos da Capital, Havana, tomávamos café e íamos para o campo trabalhar. Chegávamos no campo ainda cedo. O vento de inverno cortava as árvores. Lá nos esperavam para mais um dia na lavoura, preparando a terra para o plantio, Nine e Tomás, dois agricultores cubanos, filhos da Revolução, filhos de uma terra tão amada e cuidada. Depois dos trabalhos, sentados à sombra, para refrescarmos do sol, conversávamos sobre tudo, política, família, amores, vida, a vida que pulsa no interior da ilha caribenha.

Faustino Domingues Abreu, o Nine, como todos o conhecem, é funcionário do Icap (Instituto Cubano de Amizades com os Povos) e acompanha os brigadistas nos trabalhos agrícolas. Sempre de boné, as calças por dentro das botas, um charuto aceso no canto da boca, um sorriso acolhedor e os olhos fitados em cima dos estrangeiros que ali estavam para aprender um pouco sobre a Cuba socialista de que tanto já tínhamos ouvido falar, mas era para nós ainda cheia de mistérios, sobre o sentido do trabalho

voluntário que move a sua tão orgulhosa Pátria socialista. Depois de distribuir o trabalho, que geralmente era de limpar o terreno tirando galhos, pedras e o capim para deixar mais limpo para o plantio de hortaliças que seriam usadas para fazer o alimento dos próximos brigadistas, Nine seguia à frente. Sabíamos que nosso trabalho era simbólico e que Nine e seus ajudantes ainda teriam que passar o arado e preparar melhor o terreno para o plantio das verduras e temperos, porém o que aquele agricultor simples, com uma cultura de dar inveja a qualquer intelectual, queria nos mostrar era o sentido da solidariedade, do trabalho coletivo para o bem de todos, ideais fortes que sustentam as bases da Revolução socialista de 59. A cada pedra recolhida e capim arrancado (tudo com as mãos), as costas já doendo e o sol esquentando nas nossas cabeças, Nine nos contava um pouco sobre a vida em Cuba, falava com clareza sobre assuntos que iam desde educação e saúde à política externa. Professor de marxismo na escola da comunidade em Caimito, morava a poucos metros do acampamento e do campo onde trabalhávamos. Em sua casa reunia a família e nos recebia sempre a noite, depois da jornada de trabalhos no acampamento.

Entre um licor e outro, cafezinho, muito charuto cubano e uma hospitalidade sem igual, Nine fazia duras críticas ao bloqueio estadunidense ao seu país. “Aqui temos de tudo e compartilhamos tudo o que temos. Escola pública para nossos filhos, alimento na mesa. Temos uma pequena propriedade. O que produzimos vendemos ao governo e o governo vende a preços acessíveis ao povo. Temos emprego. Saúde de graça. Não nos falta nada. O que nos prejudica é o bloqueio do governo assassino e invasor (referindo-se ao Haiti) estadunidense. Eles querem nos matar aos poucos, mas resistimos”, diz Nine.

Em Cuba um agricultor não pode ter mais do que 12 hectares e a produção é vendida ao governo. As plantações de laranja ao redor do campo onde trabalhávamos eram também do Estado. “Podemos pegar laranjas para comer, dez, quinze laranjas ao dia. É claro que não é permitido parar com um carro e carregar um saco, mas os agricultores podem levar laranjas para comer em casa”, fala Nine. Enquanto ele fala, penso no tratamento dado no Brasil para alguém que tente pegar uma fruta em uma dessas propriedades privadas. Dois mundos, duas culturas.

A educação em Cuba é prioridade e os agricultores se orgulham dos filhos poderem cursar medicina ou engenharia, tudo de graça, sem distinção de classe social.

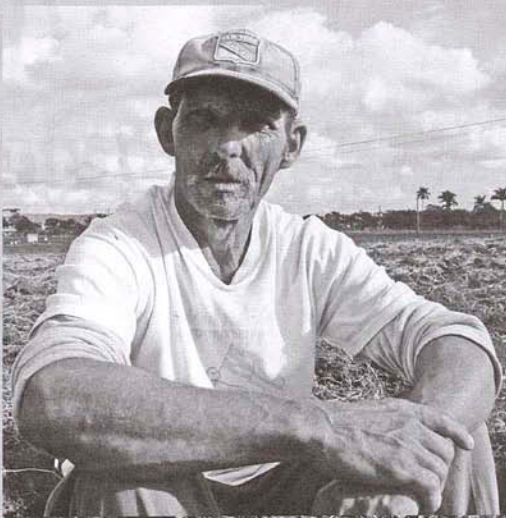
“Aqui em Cuba somos todos iguais. Não há ricos ou fazendeiros como no Brasil. Os que estavam descontentes se foram. E os que ainda estão descontentes e querem enriquecer podem ir embora”, diz, incisivo, Tomás García Pino, ajudante do Nine no trabalho com os brigadistas. Tomás conta que também tem seu pedacinho de terra, que planta o alimento da família, cria porcos e vive num município chamado Guayabal, próximo a Caimito. “O governo nos dá todo apoio para ficarmos no campo. O governo dá as famílias geladeiras e fogões elétricos, que o agricultor paga como pode mensalmente. A população mais jovem acaba saindo para estudar nas universidades, mas até os cursos pré-universitários nossos filhos podem estudar na escola aqui em Caimito. Eles ficam em tempo integral na escola e voltam pra casa nos finais de semana. Podem seguir a carreira que escolherem. Meu filho quer fazer veterinária. E fará tudo de graça”, enfatiza Tomás.

“As pessoas que antes da revolução tinham grandes

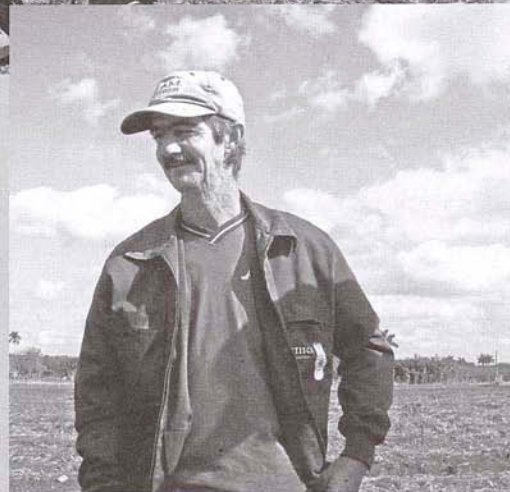
quantidades de terra ficaram com o que elas precisavam para viver, o restante foi para o Estado. Nós podemos produzir e trabalhar nestas terras que antes eram de poucos, graças à Revolução”, diz Tomás.

Nine também defende a Revolução. “Meu pai lutou na Serra Maestra com Che. Devemos tudo à Revolução. Antes não tínhamos direito a nada”.

Em sua casa, no cair da tarde, sentado orgulhoso ao lado do pai, Pablo, compartilhando sua vida, Nine servia um licor de limão, feito por ele mesmo, acendia mais um charuto, ria, tentava descobrir porque outros povos falam mal de Cuba sem conhecer sua gente, e tentava também entender nosso sistema capitalista de viver, o porque de precisarmos trabalhar tanto para adquirir bens, se ter uma vida simples e feliz é possível em Cuba. Por ele não iríamos embora. Noite adentro, lua cheia, tínhamos que voltar ao acampamento, o banho frio nos esperava. Ao amanhecer, ainda cansados, o que nos deixava feliz é que passaríamos mais um dia na companhia de Nine e Tomás, compartilhando e aprendendo mais sobre o povo cubano, sobre sua história e seu modo socialista de viver, dividir, compartilhar.



De cima para baixo: Tomás; brigadistas descansando após mais um dia de trabalho voluntário em Caimito, Cuba, e Nine





Havana Velha

Cuba, que linda es Cuba, quien la conoce la quiere más*

Fotos: Manuela Cornelli

Pobres & Nojentas mostra um pouco das belezas de um país socialista, uma ilha caribenha que há 50 anos resiste ao imperialismo estadunidense, mostrando que outro mundo é possível.

Veja vídeos sobre Cuba em <http://br.youtube.com/PobresyNojentas>



Busto de José Martí em Viñales



Imagens de Che e Camilo Cienfuegos na Praça da Revolução



* O título é um trecho de uma famosa canção cubana de Eduardo Saborit.
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



O rico artesanato da Ilha



O Palácio de Batista, hoje o Museu da Revolução



Sátira aos "heróis" norte-americanos



O charme dos carros cubanos



Crianças em Santa Clara



Belas paisagens em Manicaragua



Praça em Havana Velha



A beleza da arquitetura em Havana



Bate-papo com as representantes da Federação de Mulheres Cubanas no acampamento Julio Antonio Mella

Mulher, socialista, cubana

**Texto e fotos por
Marcela Cornelli,
de Cuba**

Silvia Crespo Canosa, 75 anos, tinha 25 anos, quando os revolucionários de Serra Maestra entraram vitoriosos em Cuba. Mulher simples, batalhadora, trabalha como secretária no Icap (Instituto Cubano de Amizade com os Povos) e já acompanhou 34 brigadas de trabalho voluntário que acontecem todos os anos desde a Revolução cubana, levando à Cuba estudantes, sindicalistas, integrantes de movimentos sociais, vindos de vários países, ao Acampamento Internacionalista Julio Antonio Mella (CIJAM), no município de Caimito, a 40 minutos da Cidade de Havana, para viver e compartilhar um pouco da experiência socialista vivida na Ilha caribenha.

"Devo tudo à Revolução. Antes eu não sabia ler e escrever. Para conseguir um emprego de auxiliar de

limpeza os anúncios nos jornais já discriminavam as pessoas pela cor. Eu, mulher e negra, não conseguia emprego. Então, com a Revolução, tive a chance de estudar, me alfabetizar. Tive uma chance de evoluir. Comecei no Icap servindo café. Eles me deram a chance de estudar. Fiz um curso de computação e passei para o cargo de secretária, onde trabalho até hoje", conta Silvia. Ela, assim como várias mulheres cubanas, tiveram, pós-Revolução, acesso ao estudo gratuito. Jovens, principalmente mulheres, saíram de suas casas e puderam ingressar nas frentes de alfabetização promovidas pela Revolução, um dos primeiros passos dados pelo então presidente Fidel Castro, assim que assumiu o poder. Atualmente, em Cuba, 99,6% da população entre 15 e 24 anos é alfa-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

betizada. "Ainda não penso em me aposentar. O pessoal do Icap disse que sou indispensável. Eu já teria idade e tempo de serviço necessários, mas me sinto viva e com muita saúde. Prefiro seguir trabalhando. E agora o governo também aprovou uma lei que quem se aposentar poderá continuar exercendo sua função. Antes, isso não era possível, mas, mesmo assim, não penso em aposentadoria", diz Sílvia. "Aqui no Icap me relaciono com diferentes culturas e pessoas de diversos países nos acampamentos. Assim, ajudo a promover a amizade dos povos com Cuba. Me sinto realizada. Tenho e conquistei tudo o que eu queria", diz Sílvia, que ganha 350 pesos cubanos, o que equivaleria a aproximadamente R\$ 614,00. Para a realidade brasileira o salário poderia ser pouco, porém no sistema socialista cubano as necessidades do povo com educação, saúde e moradia são supridas. Sílvia, como os demais cubanos, tem moradia própria e usufrui do sistema de saúde que é 100% público em Cuba. Seus dois filhos puderam estudar e se formar em universidades públicas - o sistema educacional em Cuba também é 100% público. Além disso, as prioridades dos cubanos são outras além do consumo desenfreado que conhecemos no sistema capitalista. Todo cubano recebe uma caderneta (tarjeta, como dizem) do governo que dá direito a alimentos e materiais de higiene que também podem ser adquiridos nos mercados, que são públicos. O que falta para completar o mês é comprado a preços subsidiados pelo

governo. É claro que devido ao bloqueio dos Estados Unidos, que já dura 50 anos, não há a variedade de mercadorias que temos no Brasil, mas há o suficiente para se viver bem.

Além das atividades no Icap, Sílvia ainda tem fôlego para integrar a Federação de Mulheres Cubanas, uma organização não-governamental, reconhecida pelo governo cubano para tratar dos interesses e direitos das mulheres naquele país. Sílvia participa da secretaria da Federação que é responsável pela visita nas casas de trabalhadores que estão doentes para levar ajuda e reintegrá-los ao trabalho. O trabalho voluntário e de ajuda mútua desde a Revolução está enraizado fortemente em Cuba como forma de solidariedade e vida coletiva, além de ser um dos pilares que sustenta o regime socialista no país.

Sílvia também é uma das 4 milhões de cubanas que integram a Federação de Mulheres, criada em 1960. Em Cuba, não há cotas para mulheres nas eleições, mesmo assim 43% das parlamentares são mulheres, sendo que 28% são ministras. "Não somos a favor da cota. Não precisamos disso. Hoje a mulher cubana não está abaixo de nenhum homem", diz Izabel Vidal, 50 anos, da Federação de Mulheres Cubanas.

Segundo dados da Federação, 71,3% de juízes são mulheres, sendo que 47% dos juízes do Tribunal Supremo de Cuba são mulheres. Dos 199 centros de pesquisa científica do país, 48 são dirigidos por mulheres. Elas representam ainda 72% da força de trabalho na Educação



Acima, Izabel (D) e Carolina (E), da Federação de Mulheres Cubanas. Abaixo, Sílvia, funcionária do ICAP, que já acompanhou 34 brigadas em Cuba



e 63,80% dos médicos (clínicos gerais) são mulheres em Cuba.

A mulher cubana conta com uma forte legislação de proteção contra a violência. Um dos casos em que se aplica a pena de morte é quando uma mulher é vítima de violência e é assassinada pelo marido. "Se em uma briga de casal a mulher for assassinada, chama-se a polícia. O homem é preso em flagrante e para ele a condenação é a pena de morte", explica Carolina Amador, 48 anos, também da Federação de Mulheres Cubanas. Leis rígidas que protegem as mulheres e a consciência do povo cubano tornam raros os casos de violência e agressão à mulher e, quando acontecem, segundo as representantes da Federação, são duramente rechaçados pela sociedade. O sistema judiciário cubano também facilita a punição. "A denúncia é feita. Exige-se um laudo médico da agressão. Se comprovada a agressão pelo laudo médico o homem vai preso. Em 120 dias o julgamento acontece e em 72 horas a sentença é dada. São prazos estabelecidos e que agilizam o sistema judiciário", diz Izabel.

A saúde da mulher cubana também é prioridade

O sistema de saúde em Cuba é totalmente gratuito e a saúde das mulheres, principalmente as grávidas, é levada muito a sério. A expectativa de vida da mulher cubana é de 80 anos e somente 0,1% das mulheres entre 15 a 49 anos tem Aids. Nos lares maternos, como são chamados os postos de saúde para atender as gestantes, as mulheres têm todo o apoio e acompanhamento de uma equipe médica, que inclui psicólogos, enfermeiros e médicos. A licença maternidade em Cuba é de um ano, período que pode ser revezado entre a mãe e o pai.

Aborto

O aborto em Cuba é permitido. Para isso, a mulher realiza uma entrevista com uma equipe médica para que ela tenha certeza da decisão que está tomando e para que não corra nenhum

risco. Menores de idade precisam ter a autorização dos pais. O aborto pode ser realizado nos centros hospitalares. "O aborto não é usado em Cuba como método anticonceptivo, mas como um direito das mulheres decidirem sobre o seu corpo. No início da Revolução, com a legalização do aborto no país havia filas nos centros médicos. "Hoje é diferente, o índice diminuiu porque nas escolas realizamos um forte trabalho de educação sexual e prevenção da gravidez precoce, além de termos programas de planejamento familiar. O índice de natalidade em Cuba é de 1,3 filhos por mulher. O anticoncepcional, como todo medicamento em Cuba, é distribuído gratuitamente à população", enfatiza Izabel.

Pensão para os filhos

Quando divorciados os casais, o pai precisa pagar uma pensão alimentícia aos filhos, cujo valor é proporcional ao salário do cubano. As crianças em Cuba também têm atenção especial. O índice de mortalidade infantil é de 4,8%, o atendimento de saúde atinge 99,1% das famílias cubanas e 99,9% das gestantes. Os programas de vacinação atingem 99,5% das crianças cubanas.

Prostituição

Apesar do estado garantir muitos direitos às mulheres e às seus filhos em Cuba, elas também tem uma plataforma de reivindicações que são buscadas na luta da Federação e enfrentam problemas como a dupla jornada de trabalho, se dividindo entre a profissão e a casa. As mulheres são responsáveis por 47% da força de trabalho do País. A luta pelo combate à prostituição em Cuba, principalmente nos últimos anos, com a abertura do turismo no País, tem sido retomada. "Não há propagandas que mostrem a mulher como um objeto. Também o governo faz um cadastro das prostitutas para saber quem são, onde vivem e porque se prostituem. Nenhuma mulher em Cuba se prostitui por comida, roupa ou remédios. Tudo é garantido pelo governo", diz Izabel.

Veja vídeos sobre Cuba em <http://br.youtube.com/PobresyNojentas>

Arquivo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Uma juventude revolucionária

Por **Marcela Cornelli**,
de Cuba

Dezenas de jovens chegavam lentamente e iam tomando conta das escadarias em Frente à Universidade de Havana, na capital cubana. Num piscar de olhos se tornaram milhares, descendo as escadarias. Luzes apagadas. Tochas na mão. Era meia noite em ponto. Uma cena que comovia a todos, turistas e cubanos. A passeata, em homenagem ao centenário do nascimento de José Martí, mártir da independência de Cuba da Espanha, cujas ideias iluminaram a Revolução de 59, ia crescendo cada vez mais e se espalhando pelas ruas de Havana em direção ao Malecom (famosa avenida à Beira Mar em Cuba). O povo acompanhava o frenesi da juventude que grita palavras de ordem como Viva Cuba! Viva Fidel e Raul! Pátria ou Muerte! Nenhum policial, nenhum incidente. O mar de fogo "incendiava" mentes e corações de todos ali presentes, mostrando o quanto estão vivos os ideais da Revolução. As tochas foram se apagando no mar. A força da juventude continuou acesa, pouco a pouco a multidão foi dispersando. Quem viveu este momento entendeu um

pouco mais porque Cuba resiste aos ataques do imperialismo. É na educação, na cultura dos jovens cubanos que a Revolução vive e se perpetua por 50 anos.

Muitos destes jovens participam da Juventude do Partido Comunista, militantes, defensores de uma Cuba livre e soberana. Yosvany Hoya Cárceres, 29 anos, faz parte da Juventude do Partido Comunista. Encontro com ele dias depois da passeata em Havana num campo de trabalho voluntário no município de Jicaboá, local onde nós brigadistas fizemos uma frente de trabalho voluntário por uma manhã, ajudando na horta comunitária dos moradores.

Limpamos um, dois, três, quatro canteiros, sob o sol, agachados. Minhas pernas doíam muito e foi no entusiasmo do jovem comunista que me inspirei para o trabalho. Yosvany é professor de história latino-americana e de história de marxismo. Estudou na escola de Caimito. De início queria seguir a carreira militar, mas acabou optando pela profissão de professor. "Médico e professor são as carreiras mais bonitas e mais sacrificadas em Cuba", opina. E quando lhe conto como são desvalorizados os professores no Brasil e como vive um médico de classe média alta no País, com carro do ano e belas casas, ele fica sem palavras num primeiro momento e depois diz: "Mas a medicina é para ajudar o povo. Os médicos cubanos

Para Yosvany

ganham como qualquer outro trabalhador e estão sempre disponíveis para o povo. Eles têm a missão de ajudar". Um médico que estava ali fazendo trabalho voluntário conosco se aproxima e ri da ideia de um médico ser rico em outro País, quando em Cuba a medicina tem como prioridade ajudar o povo. E sobre os professores, segue Yosvany mais assustado ainda: "Um professor em Cuba é muito respeitado pelos alunos e pela sociedade. Um professor tem que ser professor em tempo integral. Os alunos nos procuram em casa. Estamos sempre prontos a atendê-los". Depois de repetir inúmeras vezes o quanto um professor é importante em Cuba, tira de sua maleta a tiracolo uma cartilha com o título "Como enaltecere ao maestro" e me apresenta para que eu veja como devem ser tratados e respeitados os professores e a importância deles num país onde a educação é prioridade.

Pergunto a ele se com a abertura do turismo os valores dos jovens cubanos mudarão. "O jovem cubano sabe que não poderá comprar ou ter o que o turista tem. Mas queremos que o turista deixe dinheiro no nosso País e que isso continue garantindo nossa educação e nossa saúde de graça", responde.

Pergunto se o Partido escuta realmente os anseios da juventude do País. Ele diz que os parlamentares do Partido e os que ocupam cargos no alto escalão são acessíveis para conversar com eles e que Fidel, mesmo de longe, acompanha as atividades da juventude e está em contato permanente com os jovens.

Yosvany diz que quando fizer 30 anos não fará mais parte da juventude comunista e passará a integrar outras funções no Partido Comunista Cubano.

"Para fazer parte do Partido é preciso algumas coisas como ser um bom trabalhador, amar a pátria, Fidel e o Partido, ter disciplina, realizar trabalhos voluntários, ter aula de autodefesa e saber manejar uma arma", pontua.

"Todo cidadão cubano está pronto para defender seu País", completa.



Foto: Marcela Cornelli

Foto: Valmir Bras de Sousa



Passeata em Havana em comemoração aos 100 anos de nascimento de José Martí



Mães fizeram conferência para falar da situação dos cinco prisioneiros, encarcerados nos Estados Unidos há quase 12-anos

Eles voltarão

Por **Miriam Santini de Abreu, de Cuba**

Fotos: **Marcela Cornelli**

O rosto dos cinco homens está em toda parte. Nas ruas, nas casas de comércio, nos locais de trabalho. Para os cubanos, libertá-los é uma luta tão urgente quanto derrubar o bloqueio imposto pelos Estados Unidos. É no poderoso país do norte que estão presos, há 11 anos, Antonio Guerrero Rodríguez, Fernando González Llort, Gerardo Hernández Nordelo, Ramón Labañino Salazar e René González Sehwerert, considerados heróis cubanos.

Há quase 12 anos eles foram encarcerados em Miami, no estado da Flórida, por suposta espionagem contra os Estados Unidos. O julgamento se deu sem a apresentação de provas ou testemunhas mostrando terem os cinco obtido ou procurado informações para prejudicar o país. O governo dos EUA classificou de "secretas" as supostas provas, e a defesa não teve acesso a elas. Os cinco também enfrentaram condições

crúeis de prisão, com dois períodos – um de 17 meses e outro de 48 dias – em "solitária". O caso mais grave é o de Gerardo, condenado a duas prisões perpétuas mais 15 anos.

No final de 2009, depois de muita pressão sobre a justiça dos EUA, três dos cinco cubanos tiveram redução de sentença, mas nada significativo. As mães de Fernando e de Antonio conversaram com os participantes da XVII Brigada Sul-Americana

de Trabalho Voluntário e Solidariedade com Cuba e deixaram claro que agora, limitadas as chances jurídicas, somente a solidariedade internacional poderá conseguir a libertação dos cinco. “Estamos nas mãos de quem quer nos ajudar a derrubar o muro de desinformação sobre o que acontece com nossos filhos”, disse Mirta Rodríguez, mãe de Antonio.

Ações terroristas

Há décadas Cuba busca se defender de ações terroristas contra a ilha a partir de território estadunidense. Era o que faziam os cinco homens no país, especialmente junto à comunidade cubana em Miami, onde estavam infiltrados porque ali se concentram os terroristas a soldo do governo dos Estados Unidos.

O governo cubano já havia advertido Washington sobre as intenções desses grupos. Em junho de 1998 esteve em Cuba uma delegação oficial dos EUA, para a qual foi entregue documentação provando as atividades de 40 criminosos. Não houve ação ou resposta aos fatos. Três meses depois, o FBI – a polícia federal dos Estados Unidos – prendeu os cinco cubanos.

Documentos do Departamento de Estado do EUA mostram que a CIA, a agência de inteligência do país, interfere nos assuntos cubanos desde 1958. Antes e depois da Revolução, sustentou os adeptos do regime derrotado de Fulgêncio Batista, e entre eles recrutou colaboradores que formaram,

na Flórida, bem-articulados grupos de oposição. A CIA já usou pequenos aviões para lançar sobre a ilha armas e explosivos, além de substâncias químicas e bacteriológicas.

Nos Estados Unidos também se refugiam, livres, dois conhecidos terroristas, Luís Posada Carriles, veterano da CIA, e Orlando Bosch. Os dois sabotaram um avião civil da Cubana Aviación em outubro de 1976, matando 73 passageiros. Carriles também assumiu a responsabilidade pela explosão de várias bombas na capital, Havana, em 1997. Em entrevista a emissoras de tevê e a impressos dos EUA, os dois já se vangloriaram de seus crimes, afirmando que continuariam sua campanha terrorista contra Cuba. Todos os fatos expostos acima estão na Declaração da Assembleia Nacional do Poder Popular da República de Cuba pronunciada em 3 de agosto de 2001, reproduzida no livro “Cinco heróis prisioneiros do império”.

O mais absurdo de tudo isso é que, em 1982, durante o governo de Ronald Reagan, Cuba foi colocada na lista estadunidense de “Estados patrocinadores do terrorismo”. Entre os 14 países estão os 4 na lista de terrorismo do Departamento de Estado - Cuba, Irã, Síria e Sudão - e 10 “países de interesse”: Afeganistão, Argélia, Iraque, Líbano, Líbia, Nigéria, Paquistão, Arábia Saudita, Somália e Iêmen. E isso vindo de um país que, somente em anos recentes, arrasou o Afeganistão e o Iraque, onde até hoje mantém tropas. O governo de Barack

O b a m a não tirou Cuba da lista.

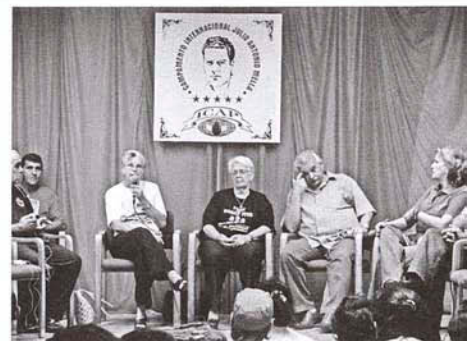
Hora de lutar

2010

é visto

como ano fundamental para a liberdade dos cinco, porque será possível apresentar novo recurso na Justiça dos EUA. A mãe de Fernando, Magali Llorca, disse que o caso tem um aspecto judicial e humano, porque são homens inocentes das acusações e que estão perdendo sua juventude dentro da prisão. As famílias são impedidas de vê-los com regularidade; às vezes se passa mais de um ano sem que isso aconteça. “Toda essa injustiça não pode prevalecer sobre a verdade”, disse mãe.

Ao final da conferência para os brigadistas, Magali fez uma série de declarações que emocionaram o público: “Somos um país submetido à embargo, que enfrenta furações, que se desenvolve apesar de todos esses problemas, e o povo, mesmo carecendo de muitas coisas, segue firme”. Ela lembrou do encontro que teve com Fanny Edelman, fundadora do partido comunista argentino, num momento em que estava desesperada pela situação do filho. “Ela olhou para mim e disse: Companheira, o momento não é de chorar, é de lutar”. É o que os cubanos estão fazendo.



Memórias da revolução

Por Míriam Santini de Abreu, de Cuba
Foto: Marcela Cornelli



Santa Clara, na província cubana de Villa Clara, é considerada a “cidade de Che”. Ali está o Memorial em homenagem ao revolucionário argentino, um Monumento-Museu que guarda o ossário onde foram depositados os restos mortais de Che e de vários de seus soldados assassinados na Bolívia. A cidade também foi palco de um episódio fundamental para a vitória da Revolução. Mas, para contá-lo, é preciso voltar no tempo e explicar como Cuba chegou ao século 21 como o único país socialista das Américas.

Desde a chegada dos conquistadores espanhóis em 1492, Cuba, assim como as demais colônias da Espanha na América, foi alvo de extensa exploração. O trabalho pesado era feito pelos índios e, depois, por homens e mulheres trazidos da África e escravizados. Os registros mostram que já nas primeiras décadas de 1500 os índios se rebelaram sob o comando dos caciques Hatuey e Guamá, ambos mortos para minar os focos de resistência. Muitos escravos também fugiam e formavam os “palenques”, como os quilombos no Brasil.

No final dos anos 1700, com a independência das colônias inglesas ao Norte da América, se iniciaram as relações de comércio entre Cuba e os Estados Unidos. Com o tempo, pessoas que dispunham de capital neste país começam a comprar terras na ilha caribenha. A partir de 1820, toma forma nos Estados Unidos a ideia de que Cuba, ainda prisioneira do domínio espanhol, deveria fazer parte do país do Norte, o que foi chamado de anexionismo.

Mas também, ao longo dos anos 1800, foi se fortalecendo, dentro da ilha, o desejo de independência. De 1868 a 1878 houve grandes combates para libertar Cuba. As autoridades militares espanholas, para debelar a resistência, fizeram algumas pequenas reformas. O movimento novamente ganhou força em 1887, quando reiniciaram os combates dos patriotas cubanos com os espanhóis. Em 1898 aconteceu um episódio que foi decisivo. Um barco de guerra dos EUA, o Maine, que visitava a baía de Havana, explodiu. Os Estados Unidos acusaram os espanhóis de causar a explosão, algo que não foi provado. Mas o fato levou os Estados Unidos a entrar na guerra, com a rendição dos espanhóis em dezembro de 1898.

Deixando o povo cubano de lado nas negociações, os EUA, pelo Tratado de Paris assinado com a Espanha, se apossaram também de Porto Rico e das Filipinas. O general John Brooke foi designado governador militar da ilha. O historiador e economista cubano Julio Le Riverend, no livro “Breve História de Cuba”, diz o seguinte: “Os velhos libertadores que haviam lutado

durante trinta anos pela independência viam izar sobre as fortalezas militares e os edifícios públicos a bandeira norte-americana e não a cubana”.

Falsa independência

A Assembleia Constituinte foi convocada em 1901, mas a primeira Constituição independente de Cuba revelou os reais objetivos dos Estados Unidos. Com a ameaça de manter por tempo indeterminado o governo de ocupação, o governo estadunidense forçou a aprovação de uma emenda, a Emenda Platt. Com ela, os EUA podiam colocar e tirar governos, ter privilégios para investir em Cuba e intervir em todos os assuntos do país. A emenda só foi abolida em 1934, quando um novo tratado assegurou novas vantagens, entre elas a posse da base naval de Guantánamo para os EUA, que também tutelaram os governos da ilha até 1959, com a vitória da Revolução. É nesta base que, até hoje, os EUA mantem prisioneiros, conforme imagens divulgadas nos meios de comunicação.

Aquele foi um período de grande farra. Gente do país do Norte começou a comprar terras, centrais açucareiras, fábricas de tabaco, ferrovias e outras fontes de riqueza do país. A economista Gladys Hernández, do Centro de Investigações da Economia Mundial, disse em sua palestra para os brigadistas que Cuba era um bordel dos Estados Unidos. Os sucessivos governos só serviam para facilitar os negócios. A crise mundial de 1929 acendeu lutas em todo o país, com grandes greves. Nesse período se fortaleceu, junto ao império do Norte, o nome de Fulgêncio Batista, um militar que, de forma direta ou indireta, governou Cuba até 1959, sempre a serviço dos EUA.

O movimento revolucionário para tirar Batista do poder iniciou em 26 de julho de 1953, quando um grupo de jovens liderado por Fidel Castro tentou tomar o quartel Moncada, em Santiago de Cuba, para conseguir armas e começar a luta. Os combatentes foram mortos ou presos, como Fidel. A ditadura de Batista os libertou depois de pressão popular, e foi no exílio, no México, que Fidel e seus companheiros conheceram Ernesto Che Guevara.

Em 1956, os combatentes voltaram a Cuba a bordo do barco Granma. Depois das primeiras lutas com as forças militares de Batista, eles se refugiaram na Serra Maestra, que corta de norte a sul a porção oriental do país. Ali é que começou a se formar o exército rebelde.

As batalhas se estenderam até 1958, quando aconteceu o famoso episódio de Santa Clara. Em 29 de

Esquerda e socialismo

Quando se fala em “esquerda” e “socialismo”, o que significa? Segue uma boa definição do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos:

“Esquerda é o conjunto de teorias e práticas transformadoras que, ao longo dos últimos cento e cinquenta anos, resistiram à expansão do capitalismo e ao tipo de relações econômicas, sociais, políticas e culturais que ele gera, e que assim procederam na crença da possibilidade de um futuro pós-capitalista, de uma sociedade alternativa, mais justa, porque orientada para a satisfação das necessidades reais das populações, e mais livre, porque centrada na realização das condições do efetivo exercício da liberdade. A essa sociedade alternativa foi dado o nome genérico de socialismo”.

dezembro daquele ano, a tropa liderada por Che descarrilhou um comboio ferroviário com armas e homens que deveriam reforçar o exército de Batista no oriente. Era a última esperança do governo para liquidar os revolucionários. A guarnição se rendeu, e Batista e seus cúmplices fugiram do país na madrugada de 1º de janeiro de 1959.

Em 1959, a Revolução

A partir daquele ano o novo governo iniciou uma série de medidas, como a reforma agrária e a criação de frentes de trabalho para combater o desemprego. A reação dos que eram contrários à Revolução se dava em Cuba e fora dali. Os Estados Unidos suspenderam a compra de açúcar, e em resposta o governo nacionalizou empresas daquele país, processo que se expandiu em 1960. As companhias de petróleo ameaçaram deixar Cuba sem combustível, e a ajuda veio da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que passou a importar o açúcar e exportar combustível.

Em 1961, os Estados Unidos patrocinaram o desembarque, em Praia Girón, de combatentes dispostos a acabar com a Revolução, mas em três dias o grupo foi obrigado a se render. A resposta dos EUA à opção de Cuba pelo socialismo ficou cada vez mais violenta. O governo Kennedy também promoveu e apoiou a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA) e vários atentados contra dirigentes cubanos. A pressão aumentou até os anos 90, quando o fim da URSS – parceira ao longo da Guerra Fria entre Estados Unidos e Rússia - quase liquidou a economia do país. Espremidos pelo bloqueio e sem a relação econômica com a URSS, os cubanos tiveram que, mais uma vez, colocar sua inventividade em prática para manter as conquistas obtidas com a Revolução.

Passados 50 anos, o país agora enfrenta mais desafios, tentando equilibrar resistência e alternativa. Em seu artigo “Por que é que Cuba se transformou num problema difícil para a Esquerda?”, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos afirma que é na área de produção que Cuba pode

assumir “uma liderança estratégica na busca de soluções alternativas, quer aos modelos de desenvolvimento capitalista, quer aos modelos de desenvolvimento socialista do século XX”.

Ele diz que, no início do século 21, é urgente pensar e lutar por alternativas econômicas e sociais. Isso porque, em primeiro lugar, a ideia de que não há alternativas ao capitalismo obteve um nível de aceitação que talvez não tenha precedentes na história do capitalismo mundial. Parece que não há outro modo de se viver a vida que não seja esse. Em segundo, avalia ele, porque a alternativa ao capitalismo representada pelas economias socialistas centralizadas – como a URSS - revelou-se inviável. “O autoritarismo político e a inviabilidade econômica dos sistemas econômicos centralizados foram dramaticamente expostos pelo colapso destes sistemas nos finais dos anos 1980 e princípios dos 1990”, escreve o sociólogo.

Em seu artigo, ele afirma que também o capitalismo se mostra auto-destrutivo, arruinando a natureza e deixando de lado, sem direitos básicos, mais de um bilhão de pessoas. Em meio à crise, porém, apareceram várias formas de economia popular segundo princípios de reciprocidade e de solidariedade. Um rompem com o capitalismo, ainda que de forma local, e outras ficam lado a lado com ele.

O problema, aponta o pesquisador, é que essas alternativas aparecem em sociedades capitalistas, nas quais as relações de produção e de reprodução capitalistas determinam a lógica geral do desenvolvimento social, econômico e político. E ele finaliza: “Por esta razão, o potencial emancipatório e socialista das organizações econômicas populares acaba sendo bloqueado. A situação privilegiada de Cuba no domínio da experimentação econômica está no fato de poder definir, a partir de princípios, lógicas e objetivos não-capitalistas, as regras de jogo em que podem funcionar as organizações econômicas capitalistas”.

Em Cuba, esta resposta, como há 50 anos, só os cubanos podem dar.

Um país do presente

Nas noites chuvosas deste março às margens do Atlântico, às vezes fico a pensar no que estarão fazendo aqueles irmãos às margens do mar do Caribe. Nós, jornalistas, sempre queremos, como os escritores, que o sangue dos leitores corra mais veloz ao ler os textos que expressam o nosso desejo de compartilhar uma experiência. Não é fácil. E, por ter buscado falar sobre as lutas daquele povo no que têm elas de mais duro, e assim ter feito textos igualmente duros, desejo também mencionar a mansa suavidade do ser, do estar cubano. Virá certamente daí esse encanto que perdura em meu peito.

Virá da resposta da historiadora Maria Caridad Pacheco González, quando perguntei a ela sobre o significado, no país, da ética de José Martí, o grande herói cubano:

- Há dificuldade de compreender a ligação visceral dos cubanos com Martí. É um interesse sentimental, um querer...

Ou virá daquele cantante, Reinier Váldez, que depois de se apresentar aos brigadistas, concluiu:

- A mulher procura a liberdade, mas já é pássaro...

Encanto de ver Pablo Domínguez Crú, de 78 anos, com o charuto apagado no canto dos lábios, contar que conheceu Che, "um homem que falava pouco e estava sempre nos trabalhos voluntários".

No Memorial em homenagem ao argentino, em Santa Clara, vi o inalador que ele usava em Sierra Maestra para combater a asma. E está lá também aquela curiosa comunicação a um soldado raso na qual Che pede: "Digne-se a conversar com esta humilde pessoa por assuntos de serviço".

Na pequena comunidade de Jibacoa, onde passamos a manhã tirando

da terra os trevos que sufocavam as mudas, estava a médica Maydelis Muñoz, agachada, compartilhando o trabalho e a conversa.

E que encanto as mesas repletas de frutas com as quais nos recepcionaram os moradores do povoado La Moça, onde soubemos como funcionam os Comitês de Defesa da Revolução, os CDRs. Nenhum morador se serviu antes de nós mesmos nos servirmos.

E, sim, a frase que disse aquele jovem com o qual Marcela conversou:

- Conheceu Santa Clara? Ah, que linda é a minha cidade!

Sob a lua cheia de janeiro, na minha mansa e encantada caminhada pelo Malecón, a avenida de sete quilômetros às margens de Havana e do Mar do Caribe, a florista ofereceu rosas, que comprei.

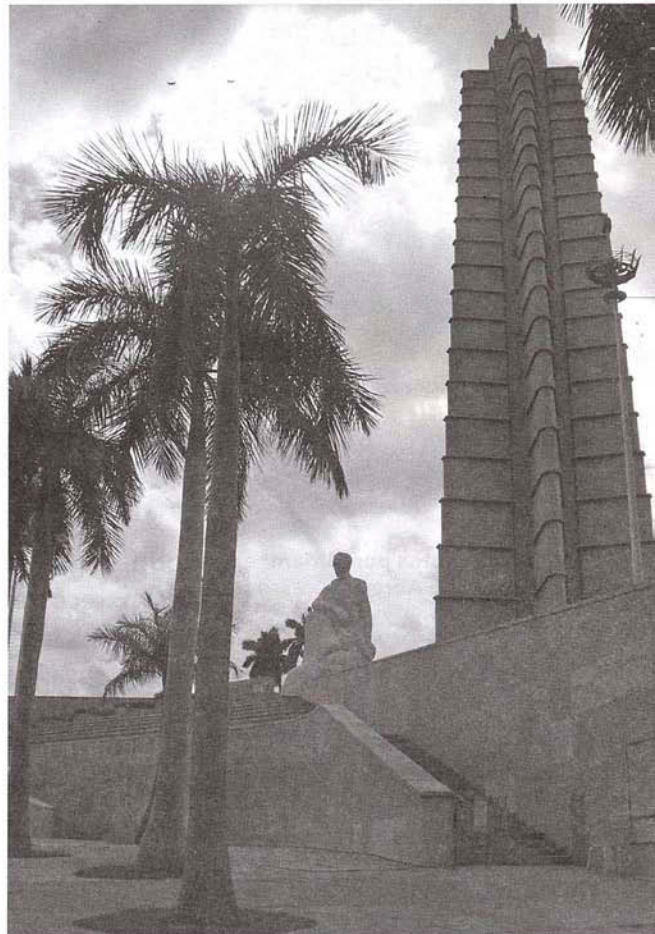
- Já caminhei muito, são as primeiras que vendo!- segredou ela com um sorriso.

No hotel em Manicaragua, amanchei três vezes, e o raiar do dia iluminava as montanhas Escambray, onde, assim como em Sierra Mestra, também houve combates. As ondulas Escambray.

Fiquei longos minutos, quieta e um pouco desamparada, esquadrihando a imensa Praça da Revolução. Ali estão Che e Camilo Cienfuegos na fachada de dois prédios do governo, e atrás a estátua de Martí, meditando. Como pensou, esse Martí, e que tanto agiu. Morreu em combate. Mas nunca morreu.

E assim, ouvindo sem parar uma música do cantor, poeta e músico cubano Sílvio Rodríguez, esse feiticeiro, enredada nas memórias daquela ilha alongada do Caribe, penso em como a vida poderia ser tão bonita... Para todos.

Texto e fotos por **Miriam Santini de Abreu, de Cuba**



Martí: Memorial a um homem que pensou e agiu



Varais cubanos

Texto e fotos por **Miriam Santini de Abreu, de Cuba**

Roupas que exalam poesia com cheiro de sabão.
Assim, recostadas nas varandas.
Os corpos que protegem, que adornam
nesses casarios de tanta memória
talvez sejam açoitados pela dor de um animal feroz
ou talvez se moldem ao que no amor é mar tranquilo.
Panos brancos, de cor, esses panos dos varais cubanos.
Canto de mundo onde pano e grampo viram roupandorinha.



Muito o que fazer



A multidão caminha na escuridão
e no silêncio.

Nada veem,
nada ouvem.

Uns poucos recuperaram a visão.

O que enxergam e ouvem é duro demais.

Esses poucos gritam para a multidão que caminha
e tentam descosturar olhos e bocas,

tentam mostrar a realidade,

mas a maioria não quer ouvir

e há os que preferem voltar à escuridão,
ao silêncio.

Para os que veem e entendem, há muito o que fazer.



Por Rosangela Bion de Assis,
de Florianópolis



Anjo Suburbano da Maré

Para Vânia

Carlos Pronzato
RJ/BA

www.lamestizaaudiovisual.blogspot.com

Maré
Tua lágrima
Sem rosto definido
O silêncio
De uma bala perdida
- Perdida? -
O ruído
Da impunidade
No teu ouvido

Maré
Fluxo e refluxo
De corações partidos

Maré
Um anjo suburbano
Posou nas tuas ladeiras
Dolorido

Suas asas
Não puderam
Conter a dor
De tantos corações
Destruídos

Voou com um recado
Para quem for
Que esteja olhando
Lá de cima :
"Queremos apenas um pouco
De justiça"

Já perto do Cristo
De cimento e pedra

Ainda viu entre nuvens
O Viaduto
A Avenida Brasil
O que restou das palafitas
E as mãos
dos mortos e desaparecidos
acenando com um imenso
punho erguido

Ainda perguntou-se
Se O outro
O verdadeiro
-aquele que não vemos
Mas que dizem que vê tudo -
Não seria também
De material tão duro

Até hoje
Nem um milagre sequer
Para aliviar a dor
Do povo humilde
Da Maré

Maré
Fluxo e refluxo
De corpos partidos

Maré
Tua lágrima
Sem rosto definido
O silêncio
De um Estado perdido
O Auto da resistência
No teu ouvido.

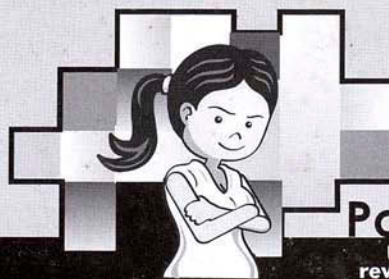


Inventividade faz frota velha continuar em uso



Fotos: Marcela Cornelli

Trabalho artesanal, qualidade dos famosos charutos



Pobres & Nojentas
Uma revista de classe